



A importância de uma Educação autônoma

Janile Menezes

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP Campus Bauru
Brasil

janilerj@yahoo.com.br

Alice Assis

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP Campus Guaratinguetá /
UNESP Campus de Bauru (Pós-Graduação em Educação para a Ciência)

Brasil

aliassis@gmail.com

Resumo

O presente trabalho discute a relação entre a educação autônoma e os alunos que possuem Altas Habilidades/Superdotação. As teorias de inteligências múltiplas e as escolas abertas (aquelas que seguem os princípios humanistas) são trazidas como elementos para apontar aspectos relevantes e necessários no que se refere à educação autônoma. Acreditamos que uma escola que promova a autonomia do aluno pode ser decisiva para que ele possa se desenvolver plenamente. Tanto na educação Matemática como em qualquer disciplina, é fundamental que seja dada autonomia para esse aluno que tem ânsia de aprender, a fim de que seja gestor do seu próprio tempo e possa discernir a melhor forma para a sua aprendizagem, pois o aluno com essas características não deve ser limitado.

Palavras-chave: Autonomia na Educação. Humanismo. Altas Habilidades/Superdotação. Escolas Abertas.

Introdução

Atualmente, no Brasil, o ensino tem se caracterizado de forma que os alunos reproduzem mecanicamente os conhecimentos memorizados sem qualquer sentido para eles. Particularmente, no ensino de matemática, os alunos aplicam equações e efetuam cálculos, que memorizaram, sem saber para que podem ser utilizados e sem compreensão do seu significado. Essa forma de aprendizagem pode levá-los ao desinteresse, o que pode causar a indisciplina em sala de aula.

Acreditamos que uma abordagem diferenciada, que viabilize a compreensão dos conteúdos de forma significativa, bem como a formação integral dos alunos, pode promover a autonomia necessária para que os alunos exerçam a cidadania de forma consciente e agreguem valores à sociedade.

As palavras autonomia e educação em uma mesma frase nos remetem diretamente ao "Humanismo", uma vez que esse método defende que o aluno tenha certa liberdade para escolher a melhor forma de aprender. Nessa perspectiva, o foco do presente trabalho é na autonomia e nas suas consequências. Uma escola que segue os princípios humanistas entende a autonomia no sentido mais amplo da palavra, pois com a liberdade vem também responsabilidades. Educar sob os moldes humanistas é o que questionamos quando falamos sobre autonomia na educação.

Neste trabalho, abordarmos a importância da autonomia como objetivo para a educação de forma geral, focando mais atentamente nos alunos com Altas Habilidades/Superdotação, uma vez que esses alunos, se desmotivados, podem se desinteressar pelas aulas, o que pode levá-los a um comportamento inadequado em termos de disciplina. Buscamos também algumas definições de inteligência a fim de compreendermos o motivo pelo qual a autonomia é importante para esses alunos.

Nessa perspectiva, o objetivo principal deste trabalho consiste em vislumbrar a educação autônoma como um caminho favorável para a Educação de alunos com Altas Habilidades/Superdotação, no sentido de viabilizar a Inclusão de tais alunos e criar um ambiente propício para aguçar a 'inquietação' e a curiosidade, características principais desses alunos. Há de se observar que as implicações diretas para a Educação são subjetivas e dependem de tempo e dedicação.

Qual o significado da palavra Autonomia?

Segundo o dicionário Aurélio (2012), a palavra autonomia vem do Grego, de modo que *Autós* significa por si mesmo e *nomos* significa lei, ou seja, *por suas próprias leis*. Para Freire (2007), governar-se por suas próprias leis leva a entender que esse tipo de liberdade não é uma fonte ilimitada de poder e sim uma liberdade que vai até onde nossos próprios limites podem suportar. Kant (1995) utiliza o termo "princípio autônomo", que sugere que a liberdade tem em si uma regra para a sua ação ou mesmo uma forma para que essa ação seja válida. Outros dois sentidos de autonomia foram definidos por Mora:

“O sentido ontológico se refere a certas esferas da realidade que são autônomas em relação às outras, por exemplo, a realidade orgânica é distinta da inorgânica, o sentido ético se refere a uma lei moral que tem em si seu fundamento e a razão da própria lei” (1965, *apud* Zatti, 2007, p.12).

Nessas definições, pode-se observar que autonomia se difere de autossuficiência, pois para se ter autonomia, o sujeito deve se relacionar com algo, com alguma situação, razão, ou mesmo um fundamento. Ser autônomo depende da capacidade do sujeito de imaginar, querer, pensar e, ao mesmo tempo, ter condições para agir. Autonomia não tem como ser uma verdade absoluta e única, ela é regida por condições externas, sejam naturais ou civis (Zatti, 2007). Avaliar a autonomia no todo é algo de extrema importância para que se possa compreender qual o seu papel na educação, e porque ela pode ser determinante em algumas situações como, por exemplo, no caso de crianças que possuem Altas habilidades/Superdotação, ou mesmo daquelas que possuem certa dificuldade em ser disciplinados na escola.

Autonomia na educação

A autonomia e o ensino

Ter autonomia não está relacionada com liberdade pura e simples, ou seja, “autonomia não implica em liberdade irrestrita” (Oliveira, 2012, p.35), mas na conscientização de cada um acerca “das opressões que alienam e massificam, assumindo as responsabilidades de seu papel político e histórico na sociedade” (op.cit., p.36). Na escola, a autonomia é imprescindível para viabilizar que o aluno tenha maiores possibilidades e responsabilidades.

Montaigne (1993) questiona se o problema da educação está realmente no desinteresse dos alunos, uma vez que poderiam ter motivação para buscar o conhecimento caso tivessem a possibilidade de escolher os tópicos a serem estudados. Montaigne ainda fala sobre a postura do professor-preceptor, sugerindo que, além de ensinar, permita que os alunos aprendam sozinhos, ou seja, que eles mesmos busquem o saber com o incentivo do professor.

Rogers (1969) também fala sobre a importância da curiosidade do ser humano em um de seus princípios de aprendizagem, afirmando que “seres humanos têm uma potencialidade natural para aprender” (Moreira, 1999, p.140), o que significa dizer que seres humanos são curiosos, ao ponto de buscarem respostas para assuntos que são de seus interesses. É algo natural estudar com mais afinco aquilo pelo qual nos interessamos. Levar o aluno a se sentir motivado para estudar pode ser uma porta para que ele compreenda a necessidade de aprender. Ensinar de forma autônoma não significa deixar o aluno totalmente livre, mas propiciar que ele seja "autogestor" (Motta, 1987). "Autogestão" não implica somente em participação, mas em autoadministração da coletividade.

Ao pensarmos em uma educação autônoma, algo fica claramente fora de contexto: a avaliação, visto que essa precisa de um professor/mediador para que ocorra. De forma geral, a avaliação ainda parece ser um dos grandes desafios na educação.

No sistema tradicional de ensino, as avaliações são feitas por meio de provas com questões objetivas e dissertativas, de modo que o professor as corrige e determina uma “nota” individual. Se pensarmos em um aluno autônomo que investiga os tópicos (assuntos, matérias) por seu nível de interesse, esse estudante não pode ser avaliado por intermédio de uma prova geral. Esse aluno precisa ser acompanhado para ser avaliado. Aí é que está o desafio. Dar autonomia para um aluno não é tarefa fácil para a escola. No entanto, se a escola conseguir se organizar de modo que os alunos sejam levados ao saber naturalmente, sem pressões externas, essa avaliação escrita deixa de ser, necessariamente, a principal forma de avaliação. Pode-se avaliar um aluno mediante a sua participação, comprometimento, comportamento e até mesmo por meio de seminários. Dessa forma, o aluno se sentiria mais seguro no ambiente escolar.

Além do pressuposto de que o aluno seja avaliado de forma contínua, o que lhe garante certa autonomia, é necessário que ele também aprenda a se auto avaliar e autocriticar para que sua independência e criatividade sejam postas em prática (Moreira, 1999), o que ocorre nas escolas abertas.

Escolas abertas

As escolas abertas baseiam-se nos "Princípios Humanistas". Fundamentam-se, basicamente, na interação entre seus membros e na participação ativa de todos os envolvidos com a educação dos alunos: os tutores (professores, funcionários, pedagogos, etc.) e também a

comunidade em si (familiares e responsáveis pelos educandos). Os alunos recebem orientação de seus tutores para que criem seus planos de estudo, de forma que estejam sempre participando de seu próprio processo de aprendizagem.

Nessas escolas não existem turmas, nem classes homogêneas. Os alunos são separados por níveis de autonomia, sendo acompanhados pelos seus tutores e avaliados conforme seguem seu plano de estudo diário. Segundo Pacheco (2008), os professores não são professores somente de uma classe ou de alguns alunos, mas de todos os alunos e os alunos são alunos de todos os professores.

Os alunos possuem acesso a diversos recursos de pesquisa, tais como livros, revistas, vídeos, internet e até mesmo os próprios colegas. Quando um aluno precisa aprender sobre um determinado tópico dentro do seu plano de estudo, ele procura esses recursos e, se mesmo assim não compreende-lo, ele recorre a algum colega que já o aprendeu. Segundo Rubem Alves (2001), em sua visita à Escola da Ponte¹, ele percebeu que havia dois quadros, em um estava escrito “Preciso que me ajudem em” e no outro “Posso ajudar em”, onde os alunos escreviam suas dificuldades e facilidades e o seu nome. Se mesmo com a ajuda de um colega, o aluno não conseguir entender, ele pode pedir ajuda ao seu tutor, que buscará esclarecer a sua dúvida ou o encaminhará para um profissional capacitado.

Além de serem autônomos na sua própria formação acadêmica, os discentes têm a oportunidade de decidir sobre assuntos internos da escola por meio de reuniões, realizadas periodicamente, com o intuito de discutirem tópicos que interferem no andamento e no bom funcionamento da escola.

Como forma de avaliação, cada escola escolhe um modo de avaliar, mas deve ser contínua e não somente por provas. Na Escola da Ponte, por exemplo, os alunos são avaliados diariamente por meio de cada atividade que executam e conforme demonstram a responsabilidade de seguir com seu plano de estudo. Além disso, o aluno pode solicitar ao professor uma avaliação mais específica cada vez que se sente pronto para ser avaliado em algum(s) tópico(s) aprendido(s).

No texto de Trindade e Cosme (2003) sobre Escola Democrática, os autores mostram que a Escola da Ponte nos traz a ideia prioritária de Democracia. A própria forma de articulação da escola e de sua gestão confirma que sua ação é pública e democrática. Os espaços organizados (quadro de dúvidas, caixinha de segredos, assembleia de alunos) e a própria prática cotidiana dos alunos são exemplos claros de que é exercida a democracia, ou seja, o respeito pelas ações e opiniões de todos os envolvidos com a escola, inclusive no que se refere à aprendizagem.

Sobre o Projeto Educativo dessa Escola, Trindade e Cosme (op.cit.) comentam:

“nos encontramos perante uma concepção mais ampla de exigência acadêmica, em que esta deixa de ficar confinada, apenas, aos testes estandardizados que visam hierarquizar as crianças, para ser assumida como um propósito que decorre do facto de as escolas não renunciarem à educação de todos os alunos que a frequentam, tendo em conta as suas particularidades e potencialidades e assumindo, por inteiro, os compromissos e as implicações pedagógicas decorrentes de uma tal opção” (p.58).

Dessa forma, a aprendizagem ocorre no ritmo de cada aluno. Não se trata de uma imposição e sim de uma aspiração por aprender.

¹Disponível em: <http://www.escoladaponte.pt/>. Último acesso em: 10 Set. 2014.

Nesse contexto, para que esse tipo de escola propicie o desenvolvimento da autonomia, é necessário que ela promova “um ensino justo, democrático, participativo, adaptado à diversidade e às características dos alunos, pedagogicamente eficaz e civicamente ativos” (Barroso, 2004, p.8).

Evolução do aluno autônomo

Ainda não existem muitas pesquisas que avaliem o desempenho dos alunos que estudam em escolas que seguem os princípios Humanistas, o que facilitaria uma aceitação maior do seu método. No entanto, Pacheco (2005) comenta que alguns estudos foram feitos sobre os alunos egressos da Escola da Ponte. Embora os dados não tenham sido tratados, o autor afirmou que a maioria dos antigos alunos tornaram-se pais dos atuais alunos. Atualmente, a Escola da Ponte vai de 1ª à 9ª série, no entanto, durante muitos anos só ia até a 4ª série e, por isso, os alunos ingressavam em outras escolas na 5ª série de ensino tradicional. Ao frequentarem essas escolas, alguns comportamentos foram observados. Primeiramente, os alunos não tinham dificuldades em se adaptar àquela nova realidade, respeitando o ritmo de toque das campainhas e saindo-se bem nas avaliações utilizadas. Conseguiram ser solidários, trabalhar em grupo, embora a escola nem sempre usasse essa prática, e tinham capacidade de se auto avaliar e gerir autonomamente seu tempo e espaço. Notoriamente, os alunos desenvolviam uma espécie de “dupla-personalidade”, já que seguiam diferentes regras em diferentes contextos. A impressão que tiveram é que a escola é que não se adaptava a esses alunos.

Pacheco (2005) ainda comenta que em 2003 foi feita, por parte do Governo de Portugal, uma avaliação da Escola da Ponte. Fez-se uma coleta de dados das notas atribuídas pelos professores em pautas trimestrais dos últimos vinte anos. Constatou-se que os alunos egressos da Escola da Ponte apresentaram um melhor rendimento no currículo escolar da 5ª série do que os alunos oriundos de outras escolas. Embora notas e classificações não sejam tão relevantes nesse método de ensino, os resultados obtidos foram importantes para que a escola recebesse apoio do governo.

Mediante tais considerações, acreditamos que os métodos de aprendizagem utilizados nas escolas humanistas podem favorecer que os alunos com Altas Habilidades/Superdotação desenvolvam plenamente a sua capacidade de aprendizagem e habilidade mental.

O aluno com altas habilidades/superdotação

Muito se tem escutado sobre inclusão. Os discursos atuais, comumente, reportam-se aos alunos com necessidades especiais (sejam eles casos de atraso intelectual, ou até mesmo os casos de extrema inteligência) como casos de inclusão na escola. No entanto, nota-se nos profissionais da área um despreparo para lidar com essas crianças que são consideradas “inclusão”. As crianças que são Superdotadas ou possuidora de Altas Habilidades – termos oficiais utilizados no Brasil – necessitam de tanta atenção quanto àquelas que possuem deficiências e/ou dificuldades de aprendizagem. Acreditamos que uma escola que dê autonomia para que esses alunos saciem sua curiosidade nata e desenvolvam plenamente suas potencialidades pode ser uma solução eficiente, não imediatista, para uma educação diferenciada e adequada a esses alunos.

Uma escola autônoma garantiria aos alunos Superdotados um ensino de qualidade e atenderia aos seus anseios sem prejudicar os outros alunos, tendo em vista que, em uma sala tradicional, professores não podem avançar tanto com os conteúdos, pois há muita diversidade no ritmo de aprendizagem de cada aluno.

Um pouco sobre Altas Habilidades/Superdotação.

Identificar alunos com altas habilidades/superdotação pode não ser uma tarefa muito fácil. Para orientar e auxiliar essa tarefa, é essencial a participação ativa dos pais, professores e profissionais da área de educação, colegas de sala, indicadores de criatividade e até mesmo do próprio aluno (Virgolim, 2007).

A utilização de testes de Quocientes de Inteligência, os famosos testes de “QI”, nem sempre são suficientes para dizer se um aluno é Superdotado ou não. Segundo Alencar & Fleith (2001), essas crianças são produtos de todo um conjunto de relações, o meio em que vivem, a estrutura familiar, educacional e até mesmo valores socioculturais. Por isso mesmo, fica difícil uma definição comum para alunos Superdotados. O que pode ser característica determinante em uma cultura, nem sempre será em outra. Além disso, é possível encontrar diversas teorias sobre inteligências (Sternberg, 1986;1991; Gardner, 2000; Renzulli & Reis, 2007) em que os autores acreditam que a inteligência em si é multifacetada, ou seja, depende de um conjunto de características.

A teoria de Sternberg (1986) considera três subteorias em conjunto para se determinar se um indivíduo é ou não Superdotado. A Componencial ou Analítica, que se relaciona com a capacidade do sujeito de receber e processar uma informação, observando-se quais os componentes mentais adotados para o planejamento, execução e avaliação da informação recebida. Outra Subteoria é a Experencial, na qual o sujeito considerado mais inteligente é aquele que consegue lidar facilmente com uma nova situação ou tarefa proposta, ou seja, está diretamente ligada à experiência do indivíduo. A terceira Subteoria é a Contextual, que relaciona a inteligência com o contexto social em que vive o sujeito, seus hábitos, estilo de vida e cultura (Alencar & Fleith, 2001). Nessas subteorias, pode-se dizer que a inteligência é adaptativa e depende do meio onde o indivíduo está inserido, sendo assim, muito subjetiva para se julgar por testes de “QI”.

Gardner (Ramos-Ford & Gardner, 1991) fala de nove competências cognitivas, habilidades, talentos ou capacidades mentais que acredita serem comuns em todos os seres humanos. Primeiro a Inteligência Linguística associada à habilidade de contar histórias e de utilizar a linguagem para se comunicar. A Lógico-matemática está relacionada à “sensibilidade para padrões, ordem e sistematização” (Gardner, 1997). A Espacial é a habilidade que o sujeito possui de visualizar o mundo mentalmente de forma mais precisa. O sujeito é capaz de criar tensões, equilíbrio e composição em uma representação visual ou espacial. A Corpocinestésica é a capacidade de utilizar o próprio corpo para resolver problemas e situações. São as pessoas que se destacam nos esportes, por exemplo. Quem possui a inteligência Musical tem o dom de compor, reproduzir e discriminar sons, ritmos e timbres. Já a inteligência Interpessoal está associada à capacidade que o sujeito tem de observar, perceber, distinguir rumores e comportamentos das pessoas que estão ao seu redor. São indivíduos sensíveis ao comportamento coletivo. Diretamente ligada à essa inteligência, tem-se a intrapessoal, na qual o indivíduo consegue se conhecer e ter acesso aos próprios desejos e necessidades. Por meio dela, o sujeito pode refletir os aspectos de sua própria vida. E a Nona e última inteligência foi adicionada recentemente e ainda está sendo estudada, a inteligência Espiritual ou Existencial, que tem relação com a natureza e as preocupações humanas. Gardner (1991) acredita que as inteligências devem ser medidas dentro do campo de cada uma, já que o indivíduo pode ser considerado inteligente em algumas competências/habilidades e em outras não. Por esse motivo, uma avaliação mais justa seria aquela que permitisse que o aluno fosse avaliado em todas as suas

categorias e não somente em testes de “QI”, que geralmente valorizam apenas as inteligências Linguística e a Lógico-matemática.

Renzulli (1986) define a inteligência embasado em duas categorias de habilidades superiores, na qual o aluno poderá desenvolver suas aptidões: a superdotação escolar e a superdotação criativa-produtiva. A primeira relaciona-se ao desempenho escolar, sendo facilmente percebida e identificada pelos professores, pois pode ser “medida” por meio de testes e provas. Alunos com essa habilidade rapidamente se encaixam em programas especiais, tais como classes avançadas, em que os alunos considerados mais inteligentes que outros são separados dos demais. A segunda, Criativa-produtiva, foca no desenvolvimento e na criação de produtos/materiais considerados significativos. Alunos que se encaixam nesse perfil são denominados de “aprendizes de primeira-mão”. Essa categoria se utiliza do uso de informações adquiridas e processos de pensamentos de forma indutiva e orientada para problemas reais.

Renzulli (op.cit.) ainda pontua três aspectos que se relacionam com essas duas categorias. As habilidades acima da média, envolvimento com as tarefas e, por fim, a criatividade. Habilidades acima da média podem ser gerais, relacionadas com o processo de informações e a capacidade de gerar respostas específicas, a capacidade do sujeito de desenvolver e adquirir habilidades e conhecimentos. O segundo aspecto está pautado no desempenho do aluno em si, na perseverança e no tanto que o sujeito investe para se desenvolver em determinada área ou assunto. A terceira, a criatividade, é considerada determinante para o saber do indivíduo, no entanto, é a mais difícil de ser diagnosticada. Não há como saber o quanto o indivíduo se utiliza de seus recursos intelectuais para acessar esses aspectos. Entretanto, segundo Oliveira (2012, p.22), “um contexto escolar flexível e aberto a novas ideias pode contribuir para o desenvolvimento do potencial criativo”.

Fleith & Alencar² (2005, *apud* Oliveira, 2012, p.23) ressaltam ser necessárias os seguintes aspectos para o desenvolvimento da criatividade em sala de aula:

- Proteger o trabalho criativo do aluno da crítica destrutiva;
- Desenvolver nos alunos a habilidade de pensar em termos de possibilidade, de explorar consequências, de sugerir modificações e aperfeiçoamentos para as próprias ideias;
- Encorajar os alunos a refletirem sobre o que eles gostariam de conhecer melhor. Não se deixar vencer pelas limitações do contexto em que se encontra, mas fazer uso dos próprios recursos criativos para contornar obstáculos;
- Envolver o aluno na solução de problemas do mundo real;
- Possibilitar ao aluno participar na escolha dos problemas a serem investigados;
- Encorajar o aluno a elaborar produtos originais.

Nesse contexto, o desenvolvimento da autonomia pode viabilizar a criatividade, sendo a primeira considerada como uma das mais frequentes características no comportamento dos alunos criativos (Oliveira, 2012).

² Fleith, D. S. & Alencar, E. M. L. S. (2005). *Escala sobre o clima para criatividade em sala de aula. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 8591.

Assim, a educação especial para alunos Superdotados deve ter por objetivo encorajar a autonomia dos alunos, respeitando-lhes a individualidade, o que pode configurar uma possibilidade de incentivo a sua criatividade (Amabile, 1996). Nessa perspectiva, é possível “fornecer aos jovens as máximas oportunidades de auto realização por meio do desenvolvimento e expressão de uma ou mais áreas de desempenho em que o potencial superior pode estar presente” (Renzulli, 1986, *apud* Virgolim, 1997, p.13).

Um aspecto importante destacado por Rezunlli é que todo aluno pode desenvolver suas potencialidades por igual se forem dadas as condições necessárias pra isso.

Considerações Finais

Atualmente, a autonomia na educação é um tema bastante discutido (Freire, 1996; Pacheco, 2003). Acreditamos que todos os métodos de ensino possuem sua importância e uma carga relevante para a relação entre ensino e aprendizagem. No entanto, a autonomia pode funcionar como ponte para a aprendizagem, propiciando que o aluno se aproprie não só de dados e informações, como do saber como um todo.

Aos olhos de quem se fundamenta apenas no modelo de ensino por transmissão pode parecer que o aluno não consegue gerir sua educação sozinho, ser um auto gestor, como sugere Rogers (1969). Porém, isso é possível, conforme mostram os estudos recentes acerca das escolas abertas (Pacheco, 2008; Alves; 2001), especialmente a Escola da Ponte, que iluminou muitas outras escolas.

No caso dos alunos com Altas Habilidades/Superdotação, citados anteriormente, uma escola autônoma pode ser decisiva para que esse aluno possa se desenvolver plenamente. Dadas as condições necessárias, todo aluno pode desenvolver ao máximo suas potencialidades. Tanto na educação Matemática, como em qualquer disciplina, é fundamental que seja dada autonomia para esse aluno que tem ânsia de aprender, a fim de que seja gestor do seu próprio tempo e possa discernir a melhor forma para a sua aprendizagem, pois o aluno com essas características não deve ser limitado. Essa condição só será possível se a autonomia, e até mesmo a flexibilidade, forem opções. Parece uma forma mais justa de inclusão, não imediatista e ao mesmo tempo revolucionária.

Ainda precisamos de profissionais capazes de lidar com esse tipo de aluno, porém, em uma escola aberta, o profissional pode acompanhar e avaliar o aluno sob outra perspectiva, a de tutor e não apenas o transmissor de conhecimento. Esse relacionamento estreito com o aluno faz com que esse se sinta mais à vontade para buscar, aprender e também ensinar. O aluno se desenvolve ao ponto de sanar suas dúvidas e ampliar sua mente no ritmo que desejar.

A ideia de um aluno autônomo, motivado pelo prazer em aprender, faz com que a busca pela autonomia mereça mais atenção para compreender, bem como tratar esse método de ensino, de forma que não seja mais um tabu para a educação como um todo. Trazer o aluno para dentro da escola não significa apenas matriculá-lo na escola, significa torna-lo parte da escola enquanto um organismo vivo, em que todos os seus membros interajam e ajudem um aos outros.

Segundo Vygotsky (1984), quando se estimula os alunos de uma forma adequada, ou seja, dando-lhes ferramentas e condições para buscarem seu próprio conhecimento, o aluno naturalmente se desenvolverá melhor. Com o educando Superdotado, esse conceito não é diferente. Observa-se a necessidade de se trabalhar paralelamente à educação comum, para que esse aluno busque suas próprias conjecturas e se sinta desafiado, de forma a percorrer um

caminho alternativo dentro do que se considera regular. Estimular o aluno, por meio de atividades que o desafie, pode viabilizar que ele vá além do esperado, levando-o não só ao interesse pela sua educação, mas também ao desenvolvimento de suas habilidades de forma plena.

Com relação à criatividade do aluno, Oliveira (2012) ressalta a importância de incentivá-la. A criatividade, que já é nata, muitas vezes é “tosada” pelos próprios professores, que pouco estimulam seus alunos a se expressarem criativamente. Um clima de autonomia e flexibilidade pode ser fundamental para que os educandos desenvolvam seu potencial criativo, além de propiciar que a escola se torne um lugar onde o aluno tenha vontade de estar e motivado a buscar o seu conhecimento.

Considerando as características elencadas neste trabalho, tais como curiosidade, criatividade, autonomia, potencial para aprender, acreditamos ser coerente que o aluno que possui características de Altas Habilidades/Superdotação possa estudar em escolas com bases humanistas, que pregam a autonomia na educação. Sendo assim, ele estará em um ambiente cuja intenção é que ele seja capaz de gerir seu tempo e sua educação, além de valorizar e desenvolver sua criatividade.

O nosso objetivo é promover a reflexão e defender os métodos usados nas escolas humanistas, pois acreditamos que correspondem ao melhor caminho para motivar e oferecer condições para que os alunos em questão se desenvolvam plenamente. Autonomia e criatividade não devem ser vistos como utópicos e sim como novas formas de perceber a educação. O “engessamento” do aluno e a falta de flexibilidade praticadas normalmente nas escolas podem desmotivá-lo e tornar a ação de aprender algo chato, de forma que muitos alunos abandonam as escolas e desistem de concluir seus estudos. Mas a questão da evasão é apenas uma das muitas consequências desse sistema de ensino. É demasiadamente importante ressaltar que, nesse tipo de escola, o aluno com Altas Habilidades/Superdotação não tem um ambiente em que suas habilidades e/ou potencialidades sejam plenamente desenvolvidas e até mesmo incentivadas. A Escola aberta propicia a esses alunos liberdade para desenvolverem a sua própria aprendizagem. Vale lembrar o conceito discutido de autonomia, que não significa liberdade irrestrita, mas sim uma liberdade responsável e direcionada, em que o aluno consegue gerir seu tempo e sua educação, respeitando-se, é claro, os currículos necessários para sua educação plena.

A implicação desse modelo (Escolas Abertas) na Educação no Brasil corresponde ao verdadeiro conceito de Inclusão dos alunos. Acreditamos que inserir um aluno com necessidades especiais (casos de atraso e/ou Superdotação/Altas Habilidades) em uma escola sem nenhum tipo de suporte profissional, não inclui de fato esses alunos. Sem esse suporte estamos depositando os alunos nas salas de aula, sem compreendê-los. Com uma educação autônoma, o aluno conseguirá render até onde deseja, e ainda ir além, que naturalmente, é o que esperamos de nossos alunos, bem como suas contribuições futuras para a sociedade. É importante destacar que a autonomia sugerida deve ser supervisionada por profissionais responsáveis e adequadamente instruídos. A viabilidade desse processo é comprovada pelas Escolas Abertas já existentes no Brasil e pela Escola da Ponte, em Portugal. Essas poucas escolas que se utilizam da autonomia para ensinar são casos de sucesso e convém dizer que os alunos, professores e até mesmo a comunidade estão satisfeitos com a escola em que estão inseridos. Não se trata apenas de autonomia, embora esse seja o ponto alto, mas da democratização do ensino, como já foi citado anteriormente, bem como uma maior reflexão do próprio aluno sobre a importância de se estudar em horários planejados.

Dar autonomia não significa deixar de estudar, mas aprender a se planejar, a estudar sozinho, de forma que não seja uma obrigação e sim um ato prazeroso.

Outra perspectiva positiva quanto ao ensino autônomo, é a superação de alguns problemas que nós (professores) temos enfrentado na sala de aula, como indisciplina, falta de orientação, alienação dos alunos, desinteresse, etc. Ao pensarmos em Educação, sabemos que não existe nenhuma “receita” garantida de sucesso e que, como todas as regras, existem exceções. Ainda assim, devemos lembrar que o nosso sistema atual de ensino (tradicional, recepção-transmissão) não tem nos dado uma solução para os problemas enfrentados em sala de aula, onde muita coisa mudou, menos a forma de se ensinar.

Cabe a nós, educadores, repensarmos se a educação de hoje está dando resultados no que diz respeito à aprendizagem. O aluno que estuda de acordo com o modelo transmissão-recepção está aprendendo? Que tipo de problemas a escola vem enfrentando? A indisciplina, por exemplo, é outra questão que se relaciona à autonomia, pois o aluno autônomo é responsável por si mesmo e, conseqüentemente, deve aceitar as conseqüências de seus atos. Essa relação (autonomia/responsabilidade/disciplina) interfere na sua própria educação? Essas dúvidas podem ser sanadas se a autonomia na educação for estudada e, quem sabe, adotada em diversos segmentos da educação.

Referências bibliográficas

- Alves, R. (2002). *Escola com Que Sempre Sonhei Sem Imaginar Que...* Papirus Editora.
- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. D. S. (2001). *Superdotados: determinantes, educação e ajustamento* (Vol. 2). São Paulo: EPU.
- Amabile, T. M. (1996). *Creativity in context: Update to "the social psychology of creativity."* Westview press.
- Barroso, J. (2004). *Defender, debater, promover a Escola Pública: conseqüências para o ensino da Matemática*. Associação Nacional de Professores de Matemática.
- Caygill, H. (2000). *Dicionário de Kant* (Tradução: Alvírio Cabral; revisão técnica, Valério Rohden). São Paulo: Jorge Zahar Editora.
- Projecto, *Comissão de Avaliação Externa Do Projecto*. Relatório apresentado a S. Ex.^a Secretária de Estado da Educação .Coimbra, 2013. Disponível em: <http://www.escoladaponte.pt/docs/AvaliacaoExt_CAEPonte.pdf> Acesso em: 06 set. 2014
- Barroso, J. et al. *ESCOLA DA PONTE*. Disponível em: <http://urantiagaia.org/educacional/ponte/escola_da_ponte.pdf> Acesso em: 11 set. 2014
- Fleith, D. S., & Alencar, E. M. L. S.(2007). *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores*. Porto Alegre: Artmed.
- Freire, P.(1996) *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (25^a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Gadotti, M. (1992). *Escola cidadã: uma aula sobre a autonomia da escola*. Cortez Editora.
- Gardner. H., & Hatchb, T. (1989) *Multiple intelligences go to school: educational implications of the theory of Multiple Intelligences. Educational Researcher, 18*(8). São Francisco.
- Hall, C. S., Lindzey, G., & Campbell, J. B. (2000). *Teorias da personalidade*.
- Artmed. de Holanda Ferreira, A. B. (1975). *Novo dicionário aurélio*. Editora Nova Fronteira.

- Moreira, M. A.(1999). *Teorias de Aprendizagem*. São Paulo: EPU.
- de Montaigne, M. (1993) [1580-88]. *Três ensaios. Do professorado. Da Educação das Crianças. Da Arte de Discutir*. (Trad. Agostinho da Silva). Lisboa: ed. Veja.
- Motta, F. C. P., et al.(1987). *Participação e participações: ensaios sobre autogestão*. São Paulo: Babel Cultural.
- de Oliveira, M. R. (2012). *Autonomia e Criatividade em Escolas Democráticas: outras palavras, outros olhares*. Disponível em <http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/Marina_dissertacao.pdf>. Acesso em: 01 set. 2014
- Pacheco, J. (2008). *Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar*. Grupo A.
- Pacheco, J. (2003). *Escola da Ponte*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Ponte, Escola. *Contrato de Autonomia*. Disponível em: <<http://www.escoladaponte.pt/autonomia.pdf>> Acesso em : 04 set. 2014.
- Ponte, Escola. *Contrato de Autonomia*. Disponível em: <<http://www.escoladaponte.pt/autonomia.pdf>> Acesso em : 07 nov. 2014.
- Sternberg, J. R.(1991) *As capacidades intelectuais humanas: Uma abordagem em processo de cessamento de informação* (D. Batista, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Virgolim, A. M. R. (2003). A criança superdotada ea questão da diferença: um olhar sobre suas necessidades emocionais, sociais e cognitivas. *Linhas críticas*, 9(16), 13-32.
- Vygotsky, L.S. (2008). *Linguagem e Pensamento* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Zatti, V. (2007). *Autonomia e educação em Immanuel Kant & Paulo Freire*. EDIPUCRS.
- Zimring, F., & Rogers, C. (2010). *Tradução e organização: Marco Antônio Lorieri*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4665.pdf>> Acesso: 04 mar. 2014.